

# A Organização do Conhecimento como domínio de estudo da Ciência da Informação: uma reflexão a partir dos aspectos epistemológicos

*The Knowledge Organization as domain of study of Information Science: a reflection from the epistemological aspects*

**Raimunda Fernanda dos Santos (1), Dulce Amélia de Brito Neves (2), Edivanio Duarte de Souza (3)**

(1) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Av. Pedro Calmon, nº 550, Cidade Universitária, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP 21941-901, fernanda@facc.ufrj.br (2) Universidade Federal da Paraíba, Cidade Universitária, João Pessoa, Paraíba, Brasil, CEP: 58051-900, damelia1@gmail.com. (3) Universidade Federal de Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió, Alagoas, Brasil, CEP 57072-900, edivanio.duarte@ichca.ufal.br.

## Resumo

A Organização do Conhecimento se apresenta como domínio de estudo e ganha espaço no campo da Ciência da Informação não apenas como uma atividade pragmática, mas se amplia como campo que contempla estudos teóricos e aplicados com a finalidade de tornar mais acessível o uso e a apropriação do conhecimento produzido. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva destacar aspectos epistemológicos da Organização do Conhecimento como domínio de estudo da Ciência da Informação. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória pautada na revisão integrativa de literatura que contempla elementos epistemológicos da Organização do Conhecimento e da Ciência da Informação. Enfatiza que a Organização do Conhecimento apresenta base ontológica, teologia subjacente, consenso epistemológico e semântica social, que incitam a pesquisa, o desenvolvimento e as aplicações de Sistemas de Organização do Conhecimento, bem como os estudos dos aspectos filosóficos e semânticos relacionados à organização conceitual e à dinâmica do conhecimento. A Organização do Conhecimento também apresenta uma forma geopolítica de semântica social, segundo a qual os seus pesquisadores trabalham em conjunto globalmente e a diversidade geográfica não impede a coerência do domínio. Conclui enfatizando a importância da Epistemologia para a Organização do Conhecimento, haja vista que ela se configura como uma ferramenta essencial que possibilita medir ou expressar as fronteiras desse domínio que se estende desde o contexto racional ao experimental, do teórico ao aplicado e do humanístico ao científico.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação; Organização do Conhecimento; Epistemologia.

## Abstract

The Knowledge Organization presents itself as a domain of studies and gains space in the field of Information Science not only as a pragmatic activity, but broadens as a field that contemplates theoretical and applied studies with the purpose of making the use and appropriation of the knowledge produced. In this sense, this research aims to highlight epistemological aspects of the Knowledge Organization as a domain of study of Information Science. For this, a bibliographic and exploratory research was conducted based on the integrative review of literature that contemplates epistemological elements of the Knowledge Organization and Information Science. It emphasizes that the Knowledge Organization presents an ontological basis, underlying theology, epistemological-logical consensus and social semantics that incite the research, development and applications of Knowledge Organization Systems, as well as the studies of the philosophical and semantic aspects related to conceptual organization and the dynamics of knowledge. The Knowledge Organization also presents a geopolitical form of social semantics, according to which its researchers work together globally, and geographic diversity does not impede the coherence of the domain. It concludes by emphasizing the importance of Epistemology for the Knowledge Organization, since it is configured as an essential tool that makes it possible to measure or express the frontiers of this domain that extends from the rational to the experimental context, from theoretical to applied and from the humanistic to the scientific.

**Keywords:** Information Science; Knowledge Organization; Epistemology.

## 1 Introdução

O aumento exponencial do volume da informação e o advento das novas formas de registrá-la, sobretudo a partir da metade do século passado, culminaram na complexidade do trabalho de identificação e acesso à informação. Tornar as informações acessíveis para os usuários que delas necessitam constitui-se uma das preocupações centrais da Ciência da Informação.

Os processos de organização do conhecimento

associados às práticas e técnicas de representação contribuíram para o advento de um campo de estudo denominado Organização do Conhecimento, essencial no contexto da Ciência da Informação, na medida em que representa grande parte de suas pesquisas teóricas e instrumentais. Para que os registros do conhecimento sejam recuperados, é necessária a realização de um conjunto de procedimentos que visam facilitar o seu acesso e uso pelas gerações atual e futura. Trata-se de um domínio de estudo estratégico que aponta para perspectivas diversas, sobretudo, para os desafios

acerca dos diferentes processos informacionais, considerando a complexidade que envolve a relação entre a informação, os usuários e as condições de mediação da informação.

Os avanços nessa perspectiva de atuação requerem a reflexão acerca das possíveis articulações de discursos sobre possibilidades e condições de processos informacionais, que integram diferentes domínios de estudos. Com efeito, para González de Gómez (2001, p. 6), a epistemologia consiste no

[...] estudo das possibilidades, origem, natureza e extensão do conhecimento humano. Indaga, assim, pelas condições e possibilidades do conhecimento, enquanto o especificam como conhecimento legítimo ou verdadeiro, ou, no quadro conceitual ocidental, como conhecimento científico.

A epistemologia é um importante componente dos estudos do domínio da Organização do Conhecimento, uma vez que se configura como a ciência do próprio conhecimento, ou seja, a investigação autoconsciente do conhecimento. Sendo assim, o presente trabalho objetiva refletir sobre alguns aspectos epistemológicos da Organização do Conhecimento como domínio de estudo da Ciência da Informação. Os estudos epistemológicos da Ciência da Informação, portanto, contribuem significativamente para a análise dos rumos e das transformações históricas desse campo e da informação em suas diversas acepções conceituais e em seus processos.

Ademais, considera-se que os processos de organização do conhecimento, associados às práticas e técnicas de representação dos registros, contribuíram para o advento da Organização do Conhecimento como domínio de estudos teóricos e aplicados essenciais no contexto da Ciência da Informação.

Destarte, quanto ao seu objetivo e obtenção de informações, este estudo caracteriza-se, respectivamente, como uma pesquisa exploratória e bibliográfica pautada em revisão integrativa de literatura que contempla aspectos epistemológicos da Organização do Conhecimento e da Ciência da Informação.

Em linhas gerais, entende-se que esta pesquisa é relevante para esta área, uma vez que contribui com reflexões e diálogos sobre epistemologia e Organização do Conhecimento, no intuito de pensar diversas abordagens deste domínio, as quais vão do empírico ao racional. Outrossim, este estudo traz contribuições para a área, haja vista a carência de estudos no Brasil que evidenciem discussões sobre aspectos epistemológicos de Organização do Conhecimento como campo de estudo essencial na Ciência da Informação. Essa constatação pode ser observada nos resultados de buscas em bases de dados que agregam as produções científicas dessa área do conhecimento como a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) [1] e a Base PERI [2]. Tratam-se de bases de dados

especializadas que indexam e divulgam a produção científica na área de Ciência da Informação, mantidas, respectivamente, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

## 2 O Campo da Ciência da Informação: aspectos epistemológicos

Em que pesem a diversidade de fatos que constituem a história da Ciência da Informação e, principalmente, a pluralidade de estudos e abordagens apresentada na historiografia deste campo, é importante considerar os esforços realizados em torno da integração disciplinar como elemento indispensável à melhor compreensão das condições epistemológicas em torno deste domínio de estudo.

Em um esforço de síntese, tomando como referência as conferências realizadas no Instituto de Tecnologia de Geórgia, nos Estados Unidos, na segunda metade do século passado, Borko (1968, p. 3, tradução nossa) afirma que

A Ciência da Informação é uma disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso.

Esse conceito contempla um viés epistemológico e cognitivo, objetivando interligar a informação e os fluxos, a acessibilidade e o uso. Além disso, evidencia a necessidade de investigar o processo de Organização da Informação, tanto no sistema natural quanto no artificial.

Ainda no que concerne à dedicação da Ciência da Informação aos processos informacionais, Borko (1968, p. 3, tradução nossa) evidencia que essa área se dedica ao “[...] corpo de conhecimentos relacionado à coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação [...]”, que resulta no delineamento de ações investigativas técnicas e científicas dessa área do conhecimento como campo científico. Além das atividades supracitadas, é possível incluir outros processos que integram o corpo de conhecimento dessa área mediante uma dinâmica integrativa tais como representação, circulação, disseminação e mediação da informação.

Reconhecendo a atualidade e a força epistemológica do conceito apresentado por Borko (1968), Souza (2011, p. 149) destaca que

No processo de delimitação da informação como objeto de estudo, as propriedades e a sua estrutura têm grande importância, na medida em que a definição destas se apresenta como critério de especificação do domínio epistemológico a que o campo se dedica.

À guisa de exemplo este autor ressalta que, ao definir as propriedades da informação relativas à sua natureza

semântica, são delimitadas possibilidades associadas a tratamento, organização, disponibilização, transferência/disseminação, recuperação, acesso e uso da informação. Tais propriedades, por sua vez, também condicionam as conexões interdisciplinares por intermédio da definição de conceitos e do delineamento de teorias e metodologias utilizadas.

As atividades elencadas anteriormente contribuem para o êxito de outros processos informacionais. Também a título de exemplos, os processos de organização e representação do conhecimento são cruciais para pensar a recuperação, o acesso e o uso da informação. Partindo da necessidade de delimitação do contexto em que os diversos processos informacionais são pensados e executados, torna-se fundamental abordar, mesmo que brevemente, as condições epistemológicas que vem sendo historicamente abordadas no campo da informação. Diferentes autores, como Buckland (1991), Capurro (2003) e Le Coadic (2004), já realizaram este exercício epistemológico.

Nesse horizonte, Capurro (2003) evidencia que há um processo evolutivo, não linear, no desenvolvimento epistemológico da Ciência da Informação, o qual está associado ao movimento que parte de ideias embasadas em modelos fisicistas a concepções referenciadas nas ciências compreensivas. As primeiras concepções de pesquisas e estudos no âmbito da Ciência da Informação foram voltadas essencialmente para o paradigma físico baseado na teoria da recuperação da informação e nos estudos com abordagens estatísticas e quantitativas – cuja ênfase estava na maior eficiência e precisão dos sistemas de recuperação da informação. Para esse autor, a Teoria da Informação de Claude Shannon e Warren Weaver, e a Cibernética de Nobert Wiener, se configuram como principais referenciais teórico-metodológicos da epistemologia fisicista.

Na Ciência da Informação, o paradigma físico apresenta caráter superficial e limitado, uma vez que desconsidera o papel ativo do sujeito cognoscente, usuário da informação, não apenas no processo de recuperação da informação, mas em todo processo informativo e comunicativo. Nesse contexto, trata-se exclusivamente do sujeito receptor de um objeto físico transferido do sujeito receptor de um objeto físico transferido por um emissor (CAPURRO, 2003). Sendo assim, ainda para esse autor, o paradigma físico fundamenta-se e ganha coerência quando está associado às práticas biblioteconômicas e documentárias, haja vista que tais atividades consideram os objetos informacionais como algo tangível/palpável.

Capurro (2003) ainda destaca que o valor informativo da “informação-como-coisa” discutida por Buckland (1991) não corresponde ao objeto físico propriamente dito ou a quaisquer de suas propriedades, limitando-se ao paradigma fisicista, mas diz respeito a um predicado

conferido pelo sujeito cognoscente através de um processo interpretativo.

Em uma abordagem crítica, Shera e Cleveland (1977) observam que alguns cientistas da informação compreendem a importância da Teoria Matemática da Informação, notadamente nas discussões acerca dos sistemas de recuperação da informação. O ponto crítico se encontraria, para os autores, na aplicação fora de seu campo de validade.

Na década de 1970, ocorreu um redirecionamento das reflexões e dos estudos na Ciência da Informação no sentido de colocar o sujeito usuário da informação no centro das discussões relativas à eficiência e à eficácia dos sistemas de recuperação da informação. A partir daí, surgiram outros modelos epistemológicos nas abordagens das pesquisas realizadas na Ciência da Informação, cuja ênfase passou a ser direcionada ao aspecto qualitativo da informação e aos seus elementos contextuais e semânticos. Entretanto, de acordo com Capurro (2003), essa fase denominada de paradigma cognitivo apresentava uma visão funcionalista, tendo em vista que o sujeito passou a ser considerado apenas na sua condição psicológica, ignorando, assim, as diversas relações estabelecidas com o meio social e, particularmente, com o contexto em que está inserido.

Esse paradigma tem como fundamento a Teoria dos Estados Anômalos do Conhecimento proposta por Nicholas J. Belkin. Situando o sujeito no processo informacional, Belkin (1980) explica que a busca da informação tem origem em uma necessidade de informação que surge em decorrência do estado anômalo do conhecimento em que se encontra o sujeito, estado esse provocado pela insuficiência de conhecimento para resolução de problema objeto de discussão.

Os limites do paradigma cognitivo se apoiam precisamente no entendimento de considerar a informação como algo separado do usuário, localizado em um mundo numérico, ou de ver o usuário, se não exclusivamente como sujeito cognoscente, em primeiro lugar como tal, deixando de lado as condicionantes sociais e materiais do existir humano (CAPURRO, 2003).

Capurro (2003) ressalta que no paradigma cognitivo os estudos de desenvolvimento de sistemas de informação, bem como dos métodos e técnicas relativas ao tratamento da informação, consideram o usuário exclusivamente como sujeito cognoscente, sem levar em conta a compreensão do usuário a partir da sua historicidade e do meio social em que está inserido.

A eficiência dos sistemas de recuperação da informação, nesse contexto, é condicionada, entre outros elementos, pelo tratamento e organização da informação, que resulta em melhores coeficientes de recuperação, denominados de revocação e precisão.

Por outro lado, desconsidera variáveis contextuais e qualitativas como critérios de relevância, sobretudo, no universo da significação, na medida em que busca uma linguagem ideal centrada em controle de vocabulários e definição de medidas de extensão na representação, tais como aquelas usadas nas análises e nas sínteses da informação, a especificidade e a exaustividade.

A partir dessas críticas, emergem estudos que consideram o usuário do sistema de recuperação com base na sua historicidade e na satisfação de suas necessidades informacionais, constituindo um corpo de pesquisas cujas abordagens encontram-se ancoradas no paradigma social, que, como aponta Capurro (2003), considera o usuário na sua complexidade, na sua relação com o outro e com o meio social.

Uma consequência prática desse paradigma é o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação a que aspiram o paradigma físico e o cognitivo. Uma base de dados bibliográfica ou de textos completos tem caráter eminentemente polissêmico ou, como também poderíamos denominar, polifônico. Os termos de um léxico não são algo definitivamente fixo.

Isso significa, em outras palavras, uma integração da perspectiva individualista e isolacionista do paradigma cognitivo dentro de um contexto social no qual diferentes comunidades desenvolvem seus critérios de seleção e relevância (CAPURRO, 2003).

Com base nesses paradigmas, é possível identificar a complexidade presente no estabelecimento do campo epistemológico da Ciência da Informação, levando em conta que essas abordagens se entrelaçam e apresentam as suas implicações positivas e negativas, suas particularidades e limites, bem como as significativas contribuições sob enfoques específicos e distintos em pesquisas desenvolvidas na área.

É importante aqui considerar os ensinamentos de Bourdieu (2004) para quem a constituição de campos e subcampos científicos é determinada pela “estrutura das relações objetivas” delineada entre agentes, instituições e indivíduos, que instituem os limites, as regulações específicas dessa estrutura e a disposição do seu capital científico. Essa estrutura do campo tem sua dinâmica respaldada, em grande medida, pelo capital científico que diz respeito ao reconhecimento atribuído pelos pares no interior de um campo científico gerando um indicador de autonomia desse campo.

Em síntese, em uma perspectiva epistemológica, a Ciência da Informação se configura como uma área de conhecimento em processo constante de constituição e reformulação, uma vez que tem como base o pluralismo epistemológico e a intenção do estabelecimento de um campo interdisciplinar, decorrente, em grande parte, da complexidade do seu

objeto e da formação plural de sua comunidade científica (SOUZA, 2011).

Nesse ponto de discussão, é importante considerar as ponderações de Souza (2011) sobre as condições disciplinares desse campo científico. A rigor, em uma perspectiva epistemológica, deve-se procurar definir o domínio de estudo da Ciência da Informação entre a pluralidade de abordagens, teórica e metodológica, e a unidade integrativa, que caracteriza a relativa autonomia disciplinar.

Malgrado ao pluralismo que caracteriza o estatuto epistemológico da Ciência da Informação, Kobashi e Tálamo (2003) destacam que a Ciência da Informação se constitui em uma área tradicionalmente vinculada ao tratamento e à difusão de conteúdos transformados em informação organizada.

A informação, que antes era dita como estoque a ser preservado e tinha seus estudos calçados unicamente nas formas de registro segundo os parâmetros do conhecimento científico, é tomada agora no seu sentido dinâmico (KOBASHI; TÁLAMO, 2003, p. 11).

O pensamento das autoras conduz à reflexão realizada por Silva (2006) acerca da transição da visão custodial e patrimonial, que considera a guarda, conservação e restauração como função básica da atividade dos profissionais da informação, para uma visão pós-custodial e aberta das unidades de informação dominada pela busca incessante dos conteúdos informacionais.

Além disso, possibilita refletir sobre a importância das abordagens do paradigma social sob o viés da informação como fenômeno humano e social. O fato é que, mais do que nunca, os processos de organização e circulação dos registros do conhecimento assumem importância social, determinando que a sua distribuição e a sua recuperação sejam consideradas como questões sociais, políticas e econômicas. Trata-se de abordar a informação a partir de seus critérios de validade, inteligibilidade e finalidade que, em última análise, redirecionam todos os processos que a envolve.

Tomando como referência Bourdieu (2004), para quem o domínio consiste em uma propriedade específica de um campo, torna-se necessário refletir acerca da Organização do Conhecimento como domínio de estudo no campo da Ciência da Informação.

### **3 A Organização do Conhecimento como domínio de estudo no campo da Ciência da Informação**

O processo de classificar está intimamente relacionado à intenção de expor as ideias em uma configuração lógica e organizada. Nesse sentido, as construções lógicas e de categorização refletem a estrutura do conhecimento “[...] que por séculos os estudiosos

tencionam representar desenvolvendo sistemas de organização do conhecimento [...]”, através das escolas de saber, mediante orientação do estatuto da essência filosófica (MARTINS, 2014, p. 77).

Para Pombo (1998, p. 1), ao classificar, nos orientamos quanto ao mundo em que vivemos e passamos a

[...] estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres, os acontecimentos; ordená-los, agrupá-los, aproximá-los uns dos outros, mantê-los em conjunto ou afastá-los irremediavelmente.

Dessa forma, as classificações têm a intenção de “[...] compreender e ordenar a variedade que nos rodeia.” (POMBO, 1998, p. 2).

Em consonância de evidências, Foucault (2007) questiona a proveniência do hábito humano de distribuir elementos diferentes e similares, levando em consideração que não é um processo de ligar, uma vez que essa atividade é inerente à prática de aproximar e isolar, averiguar, ajustar e encaixar conteúdos concretos, buscando sempre uma ordenação entre eles.

De fato, não há, mesmo para a mais ingênua experiência, nenhuma similitude, nenhuma distinção que não resulte de uma operação precisa e da aplicação de um critério. (FOUCAULT, 2007, p. 15).

A construção do conhecimento está intimamente relacionada à análise e à síntese, objetivando a classificação, descrição e interpretação de uma determinada realidade resultando no processo de organização. Tais procedimentos constituem, por sua vez, um processo cognitivo humano realizado através das representações da mente/cérebro do sujeito cognoscente e viabilizam a construção do conhecimento do que é captado por meio da experiência sensorial e prática de cada indivíduo. Historicamente, “Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou.” (SANTOS, 1988, p. 50).

Os esquemas de classificações filosóficas e bibliográficas refletiram (e ainda refletem) as relações entre a humanidade e o domínio do conhecimento evidenciando a “[...] preocupação do homem em organiza o conhecimento, no intuito de categorizar ideias e fornecer subsídios à perpetuação da memória social.” (GUIMARÃES; DODEBEI, 2002, p. 12).

Shera (1957) considera que as classificações bibliográficas não objetivam apenas organizar livros nas estantes das bibliotecas, pois elas também refletem na estruturação do pensamento. O conhecimento pode abranger o que podemos discernir logicamente e o que podemos observar em uma determinada realidade através da linguagem.

A linguagem se configura como um objeto de estudo

de diversas disciplinas como Comunicação, Filosofia, Sociologia, Linguística, Ciências Cognitivas, Psicologia, Ciência da Informação, entre outras áreas, e é conceituada como estrutura lógica formal e abstrata de todas as línguas (MARTINS, 2014). Esse aspecto multifacetado da linguagem desafia aqueles que se propõem a discuti-la na Ciência da Informação sob o viés da Organização do Conhecimento por meio dos estudos de representação e classificação, bem como do estudo dos aspectos filosóficos e semânticos da estrutura do conhecimento.

Na Ciência da Informação, a terminologia (ou estudo dos termos) contribui para os estudos de Organização do Conhecimento, na medida em que são adotadas teorias linguísticas, noções de lógica e de fundamentos filosóficos para a representação do conteúdo dos itens informacionais e para o desenvolvimento de linguagens documentárias/vocabulários controlados como tesouros [3], listas de cabeçalhos de assunto, ontologias [4] e taxonomias [5]. Esses instrumentos de tratamento da informação se constituem como sistemas de organização do conhecimento que auxiliam na representação e recuperação da informação, materializando domínios específicos do conhecimento.

O estabelecimento de conexões entre as disciplinas supracitadas, portanto, viabilizam o desenvolvimento de estudos que promovem uma efetiva representação e recuperação dos registros do conhecimento, uma vez que os conceitos estabelecidos formam uma rede de relações lógicas que objetiva representar o conhecimento de uma determinada especialidade ou domínio específico em um sistema.

A Organização do Conhecimento parte não somente da perspectiva cognitiva individual, pois objetiva também agrupar indivíduos e objetos a partir de categorias culturalmente adquiridas, considerando as suas semelhanças, com base nas representações sociais vivenciadas e compartilhadas através de uma organização e uma sequência lógica. Diante do exposto, a Organização do Conhecimento no âmbito da Ciência da Informação, na direção do entendimento de Saracevic (1995), adquire as características próprias da área por constituir o seu corpo científico e compartilhar de sua natureza, bem como de suas tendências nas relações interdisciplinares.

Martins (2014) destaca a Organização do Conhecimento como subdisciplina na Ciência da Informação desenvolvida inicialmente a partir de práticas da Biblioteconomia e da Documentação, mediante a sistematização dos processos classificatórios, até se constituir em uma disciplina científica. Os registros históricos evidenciam que os estudos associados à Organização do Conhecimento caracterizam-se como atividades inicialmente realizadas na Biblioteconomia e na Documentação e, posteriormente, na Ciência da Informação. Sob esse

viés, faz-se necessário evidenciar a sua essência etimológica e epistemológica junto a essas duas áreas.

Ao discutir a constituição do campo científico e a delimitação do objeto de estudo da Ciência da Informação, Souza (2011, p. 118) pondera:

O fato é que, embora essas questões se apresentem de forma sublinhada a partir da segunda metade do século XX, a história da preocupação com o tratamento e a organização do registro do conhecimento remonta a antiguidade clássica com as bibliotecas. Mas em algum momento da história, parte dos afazeres biblioteconômicos se transformara em práticas bibliográficas, que, por sua vez, resultaram em questões documentárias e, desse conjunto, ampliaram-se para problemas e soluções informacionais.

Na trilha da definição disciplinar da Ciência da Informação, Souza (2011) esclarece que a história dos registros do conhecimento e dos processos de tratamento, organização e recuperação ampliou-se e diversificou-se. Entretanto, tais fatos não se apresentam de forma sistemática, linear e facilmente compreensível como parece em uma primeira aproximação, levando, principalmente, em consideração a complexidade e o advento de novos e diversos suportes, processos, tecnologias, campos de conhecimento e profissionais, que podem ser envolvidos em diversas combinações.

Segundo Martins (2014), com o advento das tecnologias de informação e comunicação, a Ciência da Informação constituiu a especialidade em Organização e Representação do Conhecimento, que se institucionalizou como uma área de pesquisa e se tornou o cerne dessa Ciência. A Organização do Conhecimento conquista espaço não apenas como uma atividade pragmática, mas se amplia como domínio que contempla estudos teóricos e aplicados que objetivam tornar possível o uso e a apropriação do conhecimento produzido. A autora ainda enfatiza que, em todo o percurso evolutivo, as atividades científicas ou pragmáticas relativas ao tratamento e à organização dos registros do conhecimento até firmarem-se como “Organização do Conhecimento”, designação adotada atualmente, receberam distintas definições, dentre as quais, destacam-se “Documentação” (OTLET, 1934), “Controle Bibliográfico” (EGAN; SHERA, 1949), “Organização Bibliográfica” (EGAN; SHERA, 1952), “Organização da Informação” (AMERICAN DOCUMENTATION, 1950 *apud* ZANDONADE, 2003), “Ciência da Documentação” (LOPEZ YEPES, 1978) e “Organização do Conhecimento” (DAHLBERG, 2006).

As expressões “Representação do Conhecimento”, “Organização do Conhecimento”, “Representação da Informação”, “Organização da Informação”, “Organização e Representação do Conhecimento” e “Organização e Representação da Informação” são denominações utilizadas na literatura da área de Ciência da Informação. Essa complexidade é

vislumbrada em suas essências, dada à dimensão conceitual que se pressupõe nas suas definições. Tais termos não apresentam o mesmo significado, uma vez que possibilitam conotações bastante amplas, além de apresentarem autonomia semântica entre si. Todavia, conforme Brascher (2012), as expressões elencadas anteriormente apresentam um grau de similaridade, na medida em que configuram os processos centrais e vitais de uma cadeia informacional.

Guimarães (2009, p. 1) afirma que, no âmbito das atividades que visam à organização da informação, dois universos se descortinam:

[...] o primeiro, ligado ao acesso aos documentos e o segundo, de natureza mais complexa, voltado para o acesso ao conteúdo informacional, genericamente denominado de tratamento temático da informação [...].

O último é também designado por representação temática da informação na literatura da área.

O registro do conhecimento pode ser tratado em seu todo, considerando tanto as operações que contemplam a descrição física (tratamento descritivo ou representação descritiva), como a descrição do conteúdo temático (tratamento temático ou representação temática), haja vista que na diferenciação entre a forma e o conteúdo “[...] reside a busca de *o que* (materialização) e do *sobre o que* (teor) que convivem no âmbito do documento.” (GUIMARÃES, 2009, p. 1, grifo nosso).

As operações de representação descritiva estão pautadas no objeto físico, limitando-se ao paradigma fisicista, tendo em vista que contemplam a descrição física dos recursos para fins de recuperação, acesso e uso da informação. Ao contrário, as operações de representação temática consistem na ação de descrever um recurso em relação ao seu conteúdo por meio de termos, também denominado palavras-chave ou descritores atribuídos pelo indexador (sujeito cognoscente que realiza um processo interpretativo e descritivo), que exercem a função de pontos de acesso mediante os quais o registro do conhecimento é identificado e recuperado.

Para Guimarães (2008), o tratamento temático da informação integra os processos de organização do conhecimento e possui bases epistemológicas alicerçadas sob três vertentes teóricas, que se constituíram e se consolidaram historicamente em diferentes partes do mundo, quais sejam, a catalogação de assunto (*subject cataloguing*) de matriz norte-americana, a indexação (*indexing*) de matriz inglesa e a análise documental (*analyse documentaire*), de matriz francesa. Tais vertentes teóricas contribuem para a construção das bases epistemológicas da área de tratamento temático da informação visando à consolidação de teorias e metodologias no domínio da Organização do Conhecimento.

Esse autor ainda destaca três principais momentos constitutivos da Organização do Conhecimento como domínio de estudos, que são representados em atividades ligadas à arte, à técnica e à busca por metodologias. No primeiro momento, a abordagem da informação orientou-se pela habilidade artística e pelo bom senso aplicado a um processo altamente intuitivo, levando em conta a ausência de temáticas estabelecidas para fins de execução das atividades de representação. No segundo momento, as operações de tratamento temático são pautadas no uso das técnicas empregadas a partir do século XIX referenciadas pela estrutura de notações decimais de Dewey, indexação alfabética de assuntos (desenvolvida por Cutter), classificação da Biblioteca do Congresso Americano (empregava o princípio da garantia literária) e os sistemas de indexação Unitermo e KWIC. Estes exigiram o emprego de regras claras, notadamente, em bibliotecas. No terceiro momento, as atividades estão associadas ao tratamento temático automatizado e à necessidade de elaboração de bases científicas, sobretudo, nos Estados Unidos e na Europa, visando à construção de métodos e teorias para o desenvolvimento dos procedimentos de organização.

A construção teórica e o desenvolvimento da Organização do Conhecimento, por conseguinte, resultaram em três elementos importantes inerentes às práticas desse domínio, a saber, os processos, os produtos e os instrumentos. Esses elementos foram sistematizados e direcionam as pesquisas e as bases disciplinares do domínio. Os processos estão diretamente relacionados às atividades de análise, condensação e representação. Os produtos, por sua vez, estão associados aos documentos que facilitam a busca e a recuperação dos registros do conhecimento em áreas especializadas do conhecimento (resumos, Catálogos Online de Acesso Público- OPAC's, índices, etc.). De outro modo, os instrumentos são as ferramentas de controle terminológico que visam à padronização da representação dos conteúdos dos documentos, tais como os cabeçalhos de assunto, as classificações bibliográficas, os tesouros, as ontologias e as taxonomias (GUIMARÃES, 2008).

O tratamento temático, mediante o uso de processos, produtos e instrumentos desenvolvidos, consiste em uma tarefa indispensável para a recuperação, o acesso e o uso dos registros do conhecimento pela geração hodierna e futura. Nesse entendimento, a Organização do Conhecimento ganha espaço como reflexão e produção teórica no âmbito da Ciência da Informação.

Pinho (2009) ressalta que, através da sociedade científica internacional responsável pela área de Organização do Conhecimento, a *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), fundada em 1989, a produção teórica e o universo investigativo da área têm se configurado como domínio científico que proporciona interlocuções em nível internacional

reconhecendo-a como um dos marcos conceituais essenciais da Ciência da Informação. Ingetraut Dahlberg, sua fundadora, decidiu criar uma sociedade voltara para a área em que a Organização do Conhecimento teria uma abordagem ampliada, no intuito de investigar o conhecimento mediante uma melhor compreensão das suas características organizacionais, representativas e descritivas, bem como sua aplicação a partir do acesso e do uso desse conhecimento (PINHO, 2009).

A Organização do Conhecimento tem como objetivo estudar “[...] os objetos e as atividade da teoria do conceito, da classificação, da indexação e da representação do conhecimento.” (DAHLBERG, 2006, p. 12, tradução nossa).

A constituição da ISKO e o investimento científico dos pesquisadores nas teorias desse domínio de estudo no campo da Ciência da Informação contribuíram, portanto, para o advento de uma área de pesquisa e, conseqüentemente, de uma disciplina que promove a pesquisa, o desenvolvimento e as aplicações de sistemas de organização conceituais do conhecimento, bem como o estudo dos aspectos filosóficos e semânticos relacionados à organização conceitual e à dinâmica do conhecimento. É perceptível a evolução desse campo, desde o seu objetivo inicial de criar um sistema de organização do conhecimento universalmente aplicável até às perspectivas contemporâneas, que agregam múltiplos objetivos, os quais contemplam ações colaborativas e representativas dos conteúdos nos ambientes digitais.

Smiraglia (2013) enfatiza que a Organização do Conhecimento é claramente um domínio coerente, uma vez que apresenta como característica a “base ontológica”, o “consenso epistemológico”, a “teleologia subjacente” e a “semântica social”, conforme pode ser observado na Figura 1.



Figura 1. Elementos da Organização do Conhecimento.

De acordo com Smiraglia (2013), a área em questão apresenta uma “base ontológica” que se estende desde a teoria do conceito ou semântica até os sistemas de Organização do Conhecimento, na medida em que a representação do conhecimento contempla, além da estrutura lógica das representações conceituais, todos os problemas inerentes às questões terminológicas nos sistemas voltados a domínios específicos do conhecimento. Em consonância de evidências, essa área apresenta uma “teleologia subjacente”, pois a sua finalidade está associada diretamente aos objetos e às atividades da teoria do conceito, da classificação, da indexação e da representação do conhecimento, conforme discutido anteriormente. Outrossim, enfatiza-se que a Organização do Conhecimento apresenta “consenso epistemológico” e de hipóteses, embora aquele consenso forme outra dimensão, dividindo o domínio do empirismo ao racionalismo. Ademais, a área denota uma “semântica social”, uma vez que possui locais formais para o desenvolvimento e a publicação das pesquisas, além de o conhecimento científico publicado nesse cenário ser claramente cumulativo.

Em arremate, a Organização do Conhecimento se constitui como um domínio que apresenta coerência ao longo do tempo. Essa coerência diz respeito às suas fundamentações teóricas e aos locais de publicação científica da área, que auxiliam na manutenção dessa harmonia. Dotado de fundamentos científicos, esse domínio de estudo tem raízes profundas em métodos e modos de pensamentos humanistas racionais.

#### 4 Considerações finais

A epistemologia deve ser um importante componente da Organização do Conhecimento, uma vez que ela é a ciência do próprio conhecimento, ou, em outras palavras, o olhar crítico da ciência sobre ela mesma. O conhecimento, por sua vez, é um elemento imprescindível para a consolidação e o funcionamento de um campo científico.

Ao refletir sobre a Organização do Conhecimento como domínio de estudos no campo da Ciência da Informação, é possível identificar também que há um processo evolutivo, não linear, no seu desenvolvimento epistemológico. A noção de usuário presente nos paradigmas da Ciência da Informação (físico, cognitivo e social) também tem influenciado os olhares e predominâncias de teorias, instrumentos, processos e produtos adotados no contexto da Organização do Conhecimento.

As atividades de representação e organização do conhecimento que possibilitam a participação ativa dos usuários em cenários digitais colaborativos por meio da Folksonomia, por exemplo, contribuem também para a

construção de processos, produtos e instrumentos a partir das interações com a tecnologia em suas múltiplas facetas, contemplando aspectos cognitivos, sociais, semânticos, contextuais e culturais. Nesse domínio, aproxima-se das discussões do paradigma cognitivo e social, bem como favorece um novo horizonte de discussão epistemológica a partir do contexto digital. Essas abordagens entrelaçam e apresentam as suas implicações positivas e negativas, por isso a importância do conhecimento na consolidação e no funcionamento do campo científico.

A Organização do Conhecimento se configura como domínio de estudos que ganha espaço no campo da Ciência da Informação, não apenas como uma atividade pragmática, mas se amplia como área que contempla estudos teóricos e aplicados que objetivam tornar mais acessível o uso e a apropriação do conhecimento produzido, independente do seu contexto. O tratamento temático, através do uso dos processos, produtos e instrumentos desenvolvidos, consiste em uma tarefa indispensável para a recuperação, o acesso e o uso dos registros do conhecimento pela geração hodierna e futura.

Em uma aproximação aos estudos epistemológicos no campo da Ciência da Informação, considera-se, em síntese, que a Organização do Conhecimento apresenta uma “base ontológica”, uma “teleologia subjacente”, um “consenso epistemológico” e uma “semântica social”, que incitam a pesquisa, o desenvolvimento e as aplicações de sistemas de organizações conceituais do conhecimento, bem como o estudo dos aspectos filosóficos e semânticos relacionados à organização conceitual e à dinâmica do conhecimento.

Além disso, é importante observar que a Organização do Conhecimento também apresenta uma forma geopolítica de semântica social, que significa que os seus pesquisadores trabalham em conjunto globalmente e a diversidade geográfica não impede a coerência do domínio. Na oportunidade, esses pesquisadores trazem consigo as características das culturas de seus países e vertentes teóricas, contribuindo significativamente para a fundamentação dos estudos e para o estabelecimento de bases epistemológicas da área como, por exemplo, a catalogação de assunto de matriz norte-americana, a indexação de matriz inglesa e a análise documental de matriz francesa.

A reflexão epistemológica é, enfim, essencial para a Organização do Conhecimento, uma vez que ela representa uma dimensão que abarca as possibilidades e condições de conhecimento e de práticas profissionais nesse domínio de estudo, bem como medir ou expressar as fronteiras desse, que se estende desde o empírico ao racional, do teórico ao aplicado e do humanístico ao científico. Todas essas relações servem para manter a condição construtiva e dinâmica dentro desse domínio que, por sua vez, mantém as

frentes de pesquisa em um estado de renovação constante, observando suas intenções (profundidade dos paradigmas) e extensões (amplitude dos paradigmas) no âmbito da Ciência da Informação.

## Notas

- [1] Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/>. Acesso em: 13 maio 2019.
- [2] Disponível em: <http://bases.eci.ufmg.br/peri.htm>. Acesso em: 13 maio 2019.
- [3] Os tesouros, com a sua alta exatidão terminológica e as relações entre os conceitos, são linguagens documentárias que permitem a flexibilidade no processo de indexação e recuperação da informação em sistemas, consistindo em listas de termos autorizados que fazem parte de um domínio específico do conhecimento. Os tesouros são constituídos por uma base léxica organizada por meio de relações entre conceitos que estão dispostos hierárquica, através de relações do tipo “gênero e espécie” e, coordenadamente, através de “relações de equivalência”. (BOCCATO, 2012).
- [4] Ontologias são instrumentos de representação temática da informação que apresentam uma estrutura de termos e as relações entre eles na perspectiva do sujeito e da linguagem de um determinado domínio. Apresentam-se como alternativas viáveis para organizar o conhecimento em ambiente *Web* na forma de uma teia de relações, permitindo a ligação entre os conceitos. (SANTOS, 2016).
- [5] Tipo de vocabulário controlado composto de termos preferenciais que estão organizados hierarquicamente em uma ordem lógica apoiada em princípios classificatórios. (NATIONAL INFORMATION STANDARD ORGANIZATION, 2005).

## Referências

- BASE DE DADOS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 2010-2019. <http://www.brapci.inf.br/>. Acesso em: 12 maio 2019.
- BASE PERI. 1987-2019. Disponível em: <http://bases.eci.ufmg.br/peri.htm>. Acesso em: 12 maio 2019.
- BELKIN, N. J. Anomalous states of knowledge as basis for Information Retrieval. **The canadian journal of Information Science**, v. 5, p. 133-143, 1980.
- BOCCATO, V. R. C. O Contexto sociocognitivo do indexador no processo de representação temática da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 17, n. esp., 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesplp67/22723>. Acesso em: 12 maio 2019.
- BORKO, H. Information Science: what is it? **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan. 1968.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- BRASCHER, M. Visibilidade científica e interlocução internacional em organização e representação do conhecimento. In: GUIMARÃES, J. A. C.; DODEBEL, V. (Org.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012, p. 234-237. E-book. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CE DHUM/livro-isko-brasil-finalizado.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.
- BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351-30, 1991. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/b3d4/d7980d6a628b503003ef4e7763a93544508e.pdf&gt;>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? **Knowledge organization**, v. 33, n.1, 2006.
- EGAN, M. E.; SHERA, J. H. Prolegomena to bibliographic control. **Journal of Cataloging and Classification**, v.5, n.2, p.17-19, 1949.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/433/243>. Acesso em: 12 maio 2019.
- GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de Tratamento Temática da Informação (TTI): catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid**, p.105-117, 2009.
- GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da

- International Society for Knowledge Organization (ISKO). Revista Ibero-americana de Ciência da Informação*, v. 1, n. 1, p. 77-99, 2008. Disponível em:  
<http://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/940/815> . Acesso em: 12 maio 2019.
- GUIMARÃES, J. A. C.; DOBEDEI, V. L. (Org.). Introdução. *In: GUIMARÃES, J. A. C.; DOBEDEI, V. L. Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade*. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012. e-Book. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/CE/DHUM/livro-isko-brasil-finalizado.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.
- KOBASHI, N. Y.; TÁLAMO, M. F. G. M. Informação: fenômeno e objeto de estudo da sociedade contemporânea. **Transinformação**, Campinas, v. 15, edição especial, p.7-21, set./dez. 2003. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v15nspe/01.pdf> . Acesso em: 12 maio 2019.
- LÓPEZ YEPES, J. **Teoría de la Documentación**. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra (EUNSA), 1978.
- MARTINS, G. K. **Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil**. 185f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Marília, SP, 2014.
- NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION - NISO. **Guidelines for the Construction, Format, and Management of Monolingual Controlled Vocabularies**. Z39.19. Maryland: ANSI/NISO, 2005. 172p.
- OTLET, P. **Traité de documentation: le livre sur 1 livre: théorie et pratique**. Bruxelles: Mundaneum, 1934.
- PINHO, Fábio Assis. **Fundamentos da Organização e Representação do Conhecimento**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.
- POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. Leitura: **Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, Lisboa, n.2, p. 19-33, 1998. Disponível em:  
<http://www.educ.fc.ul.pt/hyper/resources/opombo-classificacao.pdf> . Acesso em: 12 maio 2019.
- SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.
- SANTOS, Raimunda Fernanda dos. **Modelos colaborativos de indexação social e a sua aplicabilidade na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação** (BRAPCI). 184f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em:  
<http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17218> . Acesso em: 12 maio 2019.
- SARACEVIC, T. Interdisciplinarity nature of Information Science. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, p.1-9, 1995. Disponível em:  
<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/608/610>. Acesso em: 12 maio 2019.
- SHERA, J. H. **Padrão, estrutura e conceituação na classificação**. 1957. Disponível em:  
<http://www.conexaorio.com/biti/shera/> . Acesso em: 12 maio 2019.
- SHERA, J. H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of Information Science. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 12, p. 249-275, 1977.
- SILVA, A. M. **A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico**. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2006.
- SMIRAGLIA, R. P. The Epistemological Dimension of Knowledge Organization. *In: DODEBEI, V.; GUIMARÃES, J. A. C. (Orgs.). Complexidade e Organização do Conhecimento: desafios de nosso século*. Rio de Janeiro: ISKO-Brasil; Marília: FUNDEPE, 2013. E-book. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1741545-Complexidade-e-organizacao-do-conhecimento-desafios-de-nosso-seculo.html>. Acesso em: 12 maio 2019.
- SOUZA, E. D. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar**. 347f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo horizonte, 2011. Disponível em:  
[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8P2JNH/epistemologia\\_interdisciplinar\\_edivanio.pdf](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8P2JNH/epistemologia_interdisciplinar_edivanio.pdf) . Acesso em: 12 maio 2019.
- ZANDONADE, T. **As implicações da epistemologia social para uma teoria da recuperação da informação**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação). Universidade de Brasília - UNB, Brasília, 2003.